

# Editorial

ANNABELA RITA<sup>1</sup>

TANIA MARTUSCELLI<sup>2</sup>

Como é de costume, a *e-Letras com Vida – Revista de Estudos Globais: Humanidades, Ciências e Artes* apresenta um dossiê temático. Neste volume, os professores Cleber Felipe (História, Universidade Federal de Uberlândia), Jean Pierre Chauvin (Jornalismo, Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo) e Marcelo Lachat (Letras, Universidade Federal de São Paulo) formam o grupo multidisciplinar de coordenadores de «Arte(fatos) e Expedientes Históricos». Os três contribuem também com ensaios. Sobre o terramoto de Lisboa de 1755, tal é a proposta de Felipe, reflete acerca do gosto pelo horror, ou «estranho» ao longo da história dos relatos de catástrofes. Chauvin apresenta um estudo sobre a «Pequena história da República», do brasileiro Graciliano Ramos, sob o viés da linguagem «mais arejada» em lugar de preciosista, o que argumenta o crítico ser inaugural no âmbito dos textos de revisão histórica. Para além de introduzir uma noção do conceito de humor (riso e ironia) no contexto brasileiro externo à literatura, demonstra que Ramos influencia outros autores, como o sociólogo Octavio Ianni, ou antes, os his-

---

<sup>1</sup> CLEPUL, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-1541-3006>.

<sup>2</sup> Universidade do Colorado em Boulder. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-5929-7468>.

toriadores Nelson Werneck Sodré e João Cruz Costa, em suas produções científicas. Lachat nos apresenta Nuno Marques Pereira, português que viveu no Brasil durante o século XVIII e que escreveu um *Compêndio Narrativo do Peregrino da América* em 1728. A discussão acerca do gênero narrativo do texto, que Pereira descreveu como “estilo parabólico”, é chave para essa análise. O dossiê apresenta ainda estudos de outros investigadores brasileiros, como o de Fernando Santos «Gêneros retóricos na “Relação da missão da serra da Ibiapaba”, do Padre António Vieira», que trata do trabalho religioso, político e diplomático do jesuíta no Maranhão que, curiosamente, no século XVII, abrangia as regiões que hoje se reconhecem como os estados do Acre, Amapá, Amazonas, Ceará, Mato Grosso (Norte), Maranhão, Pará, Piauí e Tocantins. Santos se propõe a analisar os recursos linguísticos e retóricos presentes no relato de Vieira, que a autora dividiu entre gêneros (epídico, deliberativo e judiciário), para além de apelar em seu argumento ao recurso da fé na providência divina. Maria do Socorro Fernandes de Carvalho, em «Singular poeta acadêmico: António Serrão de Crasto (1614-1685)», introduz aos leitores o boticário e homem de letras no século XVII que, cristão-novo, foi preso e condenado pela Inquisição, que também prendeu e matou sua família, bem como confiscou seus bens. Sua obra necessita mais divulgação, idealmente sob o formato de edição crítica, tendo sido um estudo de Camilo Castelo Branco sobre o seu

poema *Os ratos da Inquisição* o mais célebre dentre os poucos existentes. Atualmente, sua obra se encontra dispersa nos tomos da Academia dos Singulares de Lisboa. A autora se propõe a analisar seus escritos cômicos, como os versos que seguem o mote: «huma Dama a quem Fabio amava por ser calva» ou «huma fermosa Dama, que tendo bons olhos, não tinha nem hum dente». Jerry Santos Guimarães, em «Os letrados nas crônicas de Gomes Eanes de Zurara», introduz a noção histórica do termo «letrados» na Idade Média, de modo a demonstrar como Zurara amplia seu significado. Com tal recurso e guiado por Guimarães, o leitor pode compreender os diferentes contextos em que os «letrados» da Corte atuavam, ainda que estes não fossem necessariamente diplomados pela universidade (caso, aliás, do próprio Zurara). Ainda num viés historiográfico, desta vez com a documentação da recepção crítica de *Robinson Crusoe* desde o século XVIII ao século XX, Lainister de Oliveira Esteves trata da questão do romance realista de Defoe em «*Robinson Crusoe* e a história do realismo». Brinda-nos em seu estudo com a crítica de escritores e poetas célebres como Coleridge, Walter Scott e Virginia Woolf, dentre outros. A multidisciplinaridade deste dossiê nos permite uma revisão de textos e autores já conhecidos e outros nem tanto e, sobretudo, conhecer, no âmbito dos estudos globais, a atividade acadêmica atual brasileira que se debruça sobre temas portugueses, luso-brasileiros e da literatura global,

como no caso do inconfundível herói de todos os aventureiros, Robinson Crusoe.

Na secção de Artigos Multitemáticos, a diversidade redimensiona o âmbito do trabalho. João Oliveira perscruta, em «O selvagem africano, o falso mouro e o exótico gentio: Imagens dos orientais n'Os lusíadas e no presente» as representações do Outro oriental no poema épico camoniano e o seu papel na formulação de um dado discurso na atualidade. Em «*Antes do passado: Uma aprendizagem*», Graciela Foglia analisa *Antes do passado. O silêncio que vem do Araguaia* (2012), de Liniane Haag Brum, relatando a busca de vestígios do seu tio e padrinho Cilon Cunha Brum, militante político desaparecido na selva nos anos 1970. A história contemporânea continua a prender a atenção em «Exílio, memória e melancolia em *Hanói*, de Adriana Lisboa», de Ana Maria Lisboa de Mello, refletindo ficcionalmente sobre os fenómenos do exílio, da transculturalidade, da memória, da pós-memória e da melancolia.

Na Entrevista, acompanhamos a conversa entre Ana Paula Orlandi, jornalista independente e colaboradora da revista *Pesquisa FAPESP*, e Maria Lúcia Dal Farra, professora, poeta e ensaísta brasileira, conversa centrada na investigação desenvolvida pela entrevistada sobre Florbela Espanca, poeta cuja obra está a ser matéria de investigação visando a sua edição crítica e a revitalização da sua leitura para um público também alargado para além da academia.

Nas Leituras Críticas, são quatro as obras destacadas de 2020-2021 e analisadas: *No ardor dos livros: Estudos sobre Maria Lúcia Dal Farra* (2021), organizada por Ana Luísa Vilela et alii, por Wellinton Rafael de Araújo Guida; *Portugal e o mundo numa encruzilhada* (2021), de António Costa Silva, por Carlos Leone, que assinala nela o tema do mal-estar no século XXI; *Os estudos de gênero no contexto italiano e de língua portuguesa. Múltiplos Olhares / Studi di genere nel contesto italiano e di lingua portoghese. Sguardi Multipli* (2020), organizado por Fabio Mario da Silva, Débora Ricci, Cristina Rosa, Annabela Rita, Rogéria Alves Freire António Costa Silva, por Robson Caetano dos Santos, que sublinha a densidade teórica e analítica do conjunto; e *Que nada se sabe* (2020), de José Luís Monteiro, é folheado por Margarida Espiguinha. Se os coletivos se enquadram por projetos de investigação já longamente desenvolvidos e com colaboração alargada na Europa e nas Américas, os individuais resultam, de facto, de reflexão de longos anos, cujos vestígios poderemos encontrar em obra esparsa dos autores.

Por fim, encerra este número da revista com a secção Projeto, onde se consagra a referência detalhada a um amplo projeto de investigação em curso que visa a edição da obra *História Global da Filosofia Portuguesa*, sob a direção conjunta de José Eduardo Franco e de Samuel Dimas.

Boas (re)descobertas!